

# Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo

## *Um olhar etnográfico*

Daniela F. Gomes  
História e Teoria da Imagem  
FBAUP



**Fig.1**

Terça Feira de Carnaval, Largo da Igreja, 1992.

40°34'21.4"N 8°38'48.5"W

O presente ensaio tem como principal objetivo a análise, sob um olhar etnográfico, de uma das imagens usadas no arquivo “Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo”, desenvolvido na primeira fase de projeto para a disciplina de História e Teoria da Imagem, pela co-relação de todas as histórias que, dela, podemos contar, as seus *movimentos e as suas ligações* (Lourenço Marques, 2022:7). Além de todo o secretismo que os envolve, a escolha dos Cardadores de Vale de Ílhavo para estudo de caso prendeu-se ao facto de ter tomado nota uma certa incoerência de informação nas diversas fontes encontradas. Também a ausência de arquivo de uma tradição que integra o projeto “Máscara Ibérica”<sup>1</sup> em oposição a outros ciclos de Entrudo da região centro de Portugal mais conhecidos, - como é o caso do carnaval de Lazarim ou de Góis - foi um catalisador para a investigação e desenvolvimento do projeto.

Nesse sentido, e num primeiro momento, será feita uma pequena introdução no que se entende ser o rito numa perspetiva sociológica. Validando a importância do arquivo no estudo de caso, será então explorada a tradição “secreta” dos Cardadores através da imagem por mim escolhida, analisando os elementos que a compõem e as histórias que nela se escondem, resgatando assim o que se deve contar e, acima de tudo, o que não se pode perder.

Não obstante, o que se pretende com este ensaio não é revelar os segredos desta tradição, mas desflorar os contextos geográfico, popular e etnográfico evidenciados na imagem. Um *atlas* onde, como Susana Lourenço Marques sugere nos textos de apoio da disciplina de História e Teoria da Imagem, serão explorados diversos modos de *representar um espaço e um tempo*:

*É uma maneira de ver o mundo e de o representar de acordo com múltiplos pontos de vista, associados uns nos outros. Dá-nos em parte uma visão caleidoscópica do mundo.* (Lourenço Marques, 2022: 19)

Dada a sua aplicação ambígua nos escritos informais, é pertinente entender a diferença entre um rito e um ritual. O termo rito, derivando do latim *ritu*, entende um *sistema simbólico* que

---

<sup>1</sup> Sob a alçada da Progestur-Turismo Cultural, associação cultural sem fins lucrativos, o projeto “Máscara Ibérica” visa o estudo das festas dos rituais da máscara em toda a Península Ibérica. Ver: <https://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=3805> (acedido 17 de janeiro de 2023).

## Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo *Um olhar etnográfico*

se distingue de outros costumes pela repetição nele representada. O rito, sendo este individual ou coletivo, é entendido pelo sociólogo Jean Cazeneuve como “uma ação seguida de consequências reais: é talvez uma linguagem, mas é também algo mais” (Cazeneuve, 1971:8). Mais se lê, sobre a universalidade do rito quando mais facilmente, perante etnógrafos, “uma sociedade desprovida de qualquer ritual seria uma anomalia” em oposição ao observador descrente que tenta encontrar uma lógica para os rituais “que, com ou sem razão, se tem o costume de chamar primitivos” (Cazeneuve, 1971:9).

O rito, mesmo cedendo um espaço para a improvisação, *permanece fiel a certas regras* que o interligam, desse ponto de vista, ao que é entendido por ritual. Em suma, os ritos compreendem diferentes ações individuais ou coletivas por repetição, que podem englobar diferentes sequências rituais. Vejamos, a título de exemplo, que ritos como o tabu, a purificação, a passagem, o sacrifício, entre outros, se encaixam em diversas cerimónias rituais, sejam estas de cariz religioso, cerimonial, comemorativo, mitológico ou até neurótico (Cazeneuve, 1971:12-13,24).

Desse ponto de vista, entendemos portanto como sequência ritual comemorativa dos Cardadores de Vale de Ílhavo o período compreendido entre as quatro semanas que antecedem o Entrudo até à Terça-Feira de Carnaval. Deste ritual são identificados diferentes ritos: *A preparação, a pregação ao santo, a ida às bichaneiras, a confissão dos pecados, a volta da carroça*, e, por fim, a saída dos cardadores para a *cardagem*.

Talvez, outrora, os Cardadores de Vale de Ílhavo comportassem um rito de passagem à idade adulta, sob o conhecimento de que outrora o grupo abria as suas portas a rapazes com “os primeiros pelos na cara” (Alves, 2016:28). Atualmente os novos cardadores já integram o grupo com a sua maioria atingida, não obstante, ainda se mantém a condição de se ser solteiro. É então neste ponto, entre o que se sabe e o que não se sabe, que é sentida a falta do arquivo, tão importante para os estudos etnográficos. Considerando Susana Lourenço Marques, nos textos de apoio à disciplina de História e Teoria da Imagem:

*Falar de um arquivo neutro, sem história não faz sentido. (...) Um arquivo sem acesso ou um arquivo congelado, sem ser visto ou desligado não tem função, nem actualidade.* (Lourenço Marques, 2022:11)

## Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo *Um olhar etnográfico*

Desse ponto de vista, e assentando o estudo de caso, a crítica no presente ensaio é feita não ao segredo que envolve o ritual dos cardadores, mas todo o arquivo imagético que possuem sem a sua catalogação. Tratam-se de materiais repletos de histórias que contam outras histórias: Histórias da comunidade de Vale de Ílhavo, no passado e no presente. Histórias dos seus antepassados ou até da flora e fauna da região. Assim, e citando Roland Barthes:

*A Fotografia não rememora o passado (...). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir aquilo que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de confirmar que aquilo existiu realmente (Barthes, 2012:92)*

Neste sentido, a figura 1 retrata o momento em que é realizado o rito da *volta da carroça* que ocorre, como já referido, na Terça-Feira de Carnaval. Decidi *desconstruí-la* por dois motivos: Primeiro, porque tinha acabado de passar nessa mesma rua e reconheci-a instantaneamente. O segundo motivo, e na verdade o fator mais profundo, era a minha curiosidade insaciável em saber quem eram aquelas pessoas, porque estavam vestidas daquela forma e como elas “viveram” aquele largo. No fundo, foi a curiosidade que me levou ali e, mais do que os segredos que tanto se fala, o que eu queria mesmo saber era todos os contornos da história que esta imagem contava.

O trabalho de campo foi feito junto do actual presidente dos cardadores, Francisco Pinho, e que consta na imagem. Francisco descreveu-me uma série de contornos, como é o caso dos nomes de todas as pessoas presentes, a descrição de determinados elementos do seu vestuário ou até mesmo a casa em ruínas ao lado da igreja. E se é certo que, tal como Roland Barthes nos indica, a fotografia reproduzida *nunca mais poderá repetir-se existencialmente* (Barthes, 2012: 12), a fotografia pode igualmente revelar-nos informações de uma determinada cultura. Desse ponto de vista, considera-se a fotografia um elemento imprescindível para o estudo etnográfico.

Barthes, considera ainda:

*Posso ainda entrar no pormenor notando que muitos dos homens fotografados por Nadar tinham as unhas compridas. Pergunta etnográfica: como é que se usavam as*

## Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo *Um olhar etnográfico*

*unhas nesta ou naquela época? Isso pode a Fotografia dizer-me muito melhor que os retratos pintados. Ela permite-me atingir um infra-saber; (Barthes, 2012: 39)*

Não se sabe quem tirou esta fotografia mas sabe-se a sua data exata: terça-feira, 3 de março de 1992. Todo o processo é sigiloso até á Terça-Feira de Carnaval. É na *volta da carroça* que o mistério se desvenda e o grupo secreto dá a conhecer à aldeia os seus mais recentes cardadores. Constam na imagem, da esquerda para a direita: Mono, Torrão, SG Filtro, Neo Pinho, Xico Estoira, Nando Cajó, Arlindo (escondido pelo chapéu), Bagueiro (no topo mais à direita com o andarilho), Lopes, Zuca, João Pato, Pinheiro, Paulinhas (com boina e casaco de ganga clara), Germano e Toni.

A carroça, puxada pelos recém-chegados ao grupo ou cardadores mais velhos a cumprir “castigo”, é decorada com *bichaneiras*. Estas flores de nome científico *acacia longifolia*<sup>2</sup> são vulgarmente conhecida como *mimosas* ou *acácias*. Com maior incidência na zona costeira portuguesa, da região centro e norte, este arbusto (ou árvore de pequeno porte) é consideravelmente resistente, florescendo no final do inverno até ao princípio do verão.

Talvez seja pela sua abundância na zona e por florescer na altura do Entrudo, que os cardadores escolheram a *acacia longifolia* para a decoração da carroça, sendo um elemento que perdura aos dias de hoje. Não obstante, existem algumas diferenças na *ida às bichaneiras* entre 1991 e 2022, que acontecia na Terça-Feira de Carnaval e atualmente começa no dia anterior (Alves, 2016: 32).

Estas diferenças não são irregulares na sociologia do rito, relembrando assim os escritos de Cazeneuve que considera haver a possibilidade de uma certa evolução dos ritos com o tempo, “mas em geral é de uma maneira lenta e imperceptível (...)” (Cazeneuve, 1971:11).

---

<sup>2</sup> *Acacia Longifolia* é uma espécie invasora, oriunda da Austrália, que se naturalizou no Mediterrâneo. Ver: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27479/1/ulfc120778\\_tm\\_Mariana\\_Ramos.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27479/1/ulfc120778_tm_Mariana_Ramos.pdf) (acedido a 19 de janeiro de 2023).



**Fig. 2**

Terça Feira de Carnaval, 2016.

Fotografia: Elisa Alves, Nuno Feliz

## Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo

### *Um olhar etnográfico*

Na figura 2 podemos observar algumas das diferenças que ocorreram neste período compreendido entre 1992 e 2016. A indumentária já incide numa temática carnavalesca mais comum, a carroça agora apresenta uma cruz à sua frente. Também não são evidenciados na figura 1 alguns dos objetos que pertencem à *caserna*<sup>3</sup>, como é o caso das lanternas ou das canecas de vinho.

Analisados os elementos que foram acrescentados no tempo, quais foram então os que permaneceram? Usados para se fazerem anunciar nas ruas, os *búzios*, os *sinos*, os *cornos* e as *cornetas* permanecem no rito (Alves, 2016:35) e os cardadores usam-nos igualmente na noite que antecede o Domingo Gordo. Neste rito, a que chamam “pregoação ao Santo”<sup>4</sup>, os cardadores visitam as casas de antigos membros, fazendo-se introduzir pelo som dos búzios e santo este que é o vinho e que os acompanha ao longo de toda a sequência ritual. É de notar a existência de um *calendário de oficina*<sup>5</sup>, retratando uma mulher despida, na frente da carroça, máscaras antigas e fitas usadas nas cabeleiras dos cardadores. Conquanto a mudança de indumentária, denota-se igualmente a presença de um abafó<sup>6</sup> típico da região no corso (fig.1 e fig.2).

Retornando à figura 1, são os cardadores Pinheiro e Germano quem empregam o *gabão*. Esta peça de vestuário, remonta pelo menos ao princípio do séc. XX (Pereira, 2009:55) é usada no território Litoral centro-sul, com incidência nas áreas da Ria de Aveiro e povoação em redor: Ílhavo, Ovar, Murtosa, Espinhos e Águeda. Segundo Madalena Braz Teixeira, historiadora e antiga diretora do Museu do Traje, o gabão “resulta de uma simbiose entre os trajes medievais monástico, eventualmente franciscano, e civil” (Teixeira, 2008: 385). É curioso observar, ainda que em escassos apontamentos, a herança piscatória da terra de Vale de Ílhavo.

---

<sup>3</sup> Local onde realizam os seus encontros nas quatro semanas que antecedem o Carnaval.

<sup>4</sup> Ver: <https://youtu.be/DtTBQ4KHK-s?t=258> (acedido a 19 de janeiro de 2023).

<sup>5</sup> Ainda que me desviando da atenção que pretendo acentuar para este ensaio, não poderia deixar de enunciar a observação de John Berger, em jeito de reflexão: *One might simplify this by saying: men act and women appear. Men Look at women. Women watch themselves being looked at.* (Berger, 2008: 47)

<sup>6</sup> Capa ou qualquer cobertura que resguarda do frio. "**abafó**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/abafó> (acedido a 18 de janeiro de 2023).

## Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo *Um olhar etnográfico*

Madeleine Teixeira faz referência ao “uso do tecido a xadrez tanto nas calças como na camisa” do pescador, o que não acontece nos trajes masculinos das outras regiões (Teixeira, 2008:394), que podemos identificar a presença de camisas com padrões em xadrez, conquanto é arriscado considerar que seja algo representativo da sua herança piscatória quando pode muito bem ser apenas um reflexo das tendências de moda dos anos 90.

É possível aferir, ao longo do ensaio, que o rito ainda que seja uma ação por repetição, pode metamorfosear-se pelo tempo. Existem movimentos corporais, cânticos, ditos, vestes e objetos que perduram no tempo, e do que se conhece, no ritual de Entrudo dos Cardadores de Vale de Ílhavo. Hoje comemorativo, não deixo de refletir toda a evolução que pode ter sofrido enquanto ritual e que se perdeu no tempo. A cultura que foi transmitida de geração em geração vê-se deparada na atualidade com “é possível que” ou “não se sabe se”, considerando, por fim, emergente o recurso ao arquivo e respectiva catalogação de todas as imagens, objetos, datas, cânticos bem como todas as ligações secundárias entre o ritual dos Cardadores de Vale de Ílhavo e a sua terra. Das leituras etnográficas pôde verificar-se a existência de muito poucos estudos relacionados com as áreas piscatórias e zonas limítrofes, na qual o antropólogo João Leal refere no seu livro “Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional”, uma vez que a investigação etnográfica da época centrava-se mais nas comunidades rurais do país (Leal, 2000:40). Desse ponto de vista, seria interessante o aprofundamento dos estudos na relação entre os cardadores e as comunidades piscatórias da região de Ílhavo e tentar traçar uma linha temporal a partir daí.

Em jeito de conclusão, considero que este ensaio não aborda todos os *movimentos e ligações* da imagem (e até do projeto) dos quais obtive conhecimento e consegui compilar no projeto gráfico. Como contar uma história secular em 2500 palavras? Conquanto, é nesta limitação identificada que considero um projeto a permanecer em aberto, no sentido de prosseguir com o seu desenvolvimento junto dos cardadores para que as *Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo* não se diluam nas margens do seu Rio Boco.

# Tradições da Santa Terra do Vale de Ílhavo

## *Um olhar etnográfico*

### Bibliografia

Alves, Elisa Martins, (2016). *Rituais com Máscara: Rota das Máscaras em Portugal Ílhavo*. Progestur. ISBN: 978-989-99501-5-3.

Berger, John, [1972] (2008). *Ways of Seeing*. Penguin Books: London. Penguin Design Series, 039. ISBN: 978-0-41-03579-6.

Barthes, Roland, [1980] (2012). *A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia*. Trad. Manuela Torres. Edições 70: Lisboa. ISBN: 978-972-44-1349-5.

Cazeneuve, Jean, (1971). *Sociologia del Rito*. Disponível em: <https://archive.org/details/CazeneuveJeanSociologaDelRito1971/mode/1up> (acedido a 18 de janeiro de 2023)

Teixeira, Madalena Braz, (2008). *O traje tradicional português e o folclore*. In Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos (coords.) - Portugal: percursos de interculturalidade. Vol 1 - Raízes e estruturas. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008, Cap. VII, pp. 354-406. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/> (acedido a 18 de janeiro de 2023).

Pereira, Benjamin Enes, [1965] (2009). *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. Coord. Paulo Ferreira da Costa; pref. João Leal. Edição em formato electrónico. Instituto dos Museus e da Conservação: Lisboa. ISBN: 978-972-776-401-3. Disponível em: <http://imc-ip.pt> (acedido a 16 de janeiro de 2023).

### Bibliografia extra

Lourenço Marques, Susana (2022) História(s) da Imagem: Textos de Apoio. Disponível em: <https://esquerdadireitaesquerda.files.wordpress.com/2022/11/hti.pdf> (acedido a 17 de janeiro de 2023).

Leal, João, [1954] (2000). *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*. Publicações Dom Quixote: Lisboa. ISBN: 972-20-1799-3. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/4339/1/Etnografi...pdf> (acedido a 18 de janeiro de 2023).